DO BARRACO DE LONA À ESPERANÇA

O Filho da Fome

Memórias de Adriano Tenório

DO BARRACO DE LONA À ESPERANÇA O Filho da Fome Memórias de Adriano Tenório

PRÓLOGO

Existem pessoas que nascem com oportunidades. Outras nascem com sonhos. Eu nasci com fome.

Durante muitos anos, a única preocupação da minha família era sobreviver ao dia seguinte. Não existiam planos. Não existiam férias. Não existiam brinquedos. Apenas a luta diária para encontrar alguma coisa para comer.

Esta não é uma história de riqueza. Não é uma história sobre dinheiro. É uma história sobre perseverança. Sobre uma mãe que nunca desistiu dos filhos. Sobre um menino que cresceu acreditando que o

impossível podia acontecer. E sobre a fé que me acompanhou quando tudo parecia perdido.

Se hoje tenho patrimônio, família e tranquilidade, foi porque um dia decidi não desistir.

Esta é a minha história.

CAPÍTULO 1 – A INFÂNCIA NO BREJÃO

Nasci em 23 de setembro de 1979, em uma pequena localidade chamada Brejão, município de Garanhuns, Pernambuco. Era uma região de sítios, cercada por matas e plantações, onde passei os primeiros nove anos da minha vida.

Morávamos eu, meu irmão Bruno, minha mãe Maria e meu pai, Cícero de Branco, em uma pequena casa de taipa. Era tão apertada que mal cabiam duas pessoas confortavelmente. Apesar da simplicidade, o que mais marcou minha infância não foi a pobreza material, mas o sofrimento que vivíamos dentro de casa.

Meu pai sofria de alcoolismo. Bebia constantemente e se tornava uma pessoa violenta. Minha mãe e nós, os filhos, éramos vítimas frequentes de agressões. O medo fazia parte da nossa rotina. Muitas vezes chegávamos em casa sem saber o que nos esperava.

A fome também era uma companheira constante. Para conseguir alimento, eu e meu irmão passávamos os dias na mata. Saíamos por volta das cinco da manhã e só retornávamos ao entardecer. Caçávamos o que conseguíamos encontrar: preás, passarinhos, coelhos e outros animais silvestres. Aquela caça muitas vezes era o que garantia nossa alimentação.

Minha mãe era uma mulher extremamente trabalhadora. Quando surgia serviço nas plantações de café, ela passava o dia na roça. Eu a acompanhava e tentava ajudar, mas minhas mãos pequenas mal conseguiam arrancar os frutos dos pés de café. Ainda assim, ela nunca desistia. Com o pouco dinheiro que recebia ao final do dia, comprava na bodega um pacote de cuscuz, açúcar e o necessário para que pudéssemos sobreviver.

Durante aqueles nove anos, não tive uma infância como a maioria das crianças. Não havia brinquedos, festas ou sonhos realizados. Meu maior desejo era ter uma bicicleta e uma bola, mas aquilo parecia impossível para nossa realidade.

As agressões continuavam. Muitas vezes, quando minha mãe e eu voltávamos do trabalho, encontrávamos meu pai embriagado. Ele descontava sua revolta em nós. Minha mãe sofria com socos e empurrões. Eu também era castigado. O medo se tornou algo tão comum que parecia fazer parte da vida.

Meu pai tinha uma história complicada. Os meus avós, que o criaram, possuíam bens e certa condição financeira. Porém, ele nunca foi plenamente aceito pelos irmãos por ser considerado um filho bastardo. Quando meu avô morreu, surgiram conflitos pela herança. Aproveitando-se do vício do meu pai com bebida e jogos, uma de minhas tias acabou ficando com grande parte do que seria direito dele. Em troca, entregava pequenas quantias de dinheiro.

Mas o dinheiro nunca permanecia em casa. Assim que o recebia, meu pai corria para os bares e para o

jogo. Quando tudo acabava, voltava para casa carregando a mesma violência de sempre.

Muitas vezes ele me obrigava a buscar cachaça na bodega durante a noite. Eu precisava percorrer longas distâncias atravessando a floresta escura. Havia cobras e muitos outros perigos pelo caminho. Com o tempo, aprendi a conhecer cada som, cada movimento e cada trilha da mata. Eu me sentia parte daquele ambiente. O menino que não tinha brinquedos acabou aprendendo a sobreviver sozinho entre as árvores.

Apesar de toda a tristeza, havia algo que eu amava profundamente: a floresta. Foi nela que aprendi a sobreviver. Foi nela que encontrei liberdade em meio ao sofrimento.

Quando finalmente se esgotou o que restava da herança do meu pai, meus pais decidiram deixar aquele sítio. Para muitos, aquilo representava apenas uma mudança. Para mim, era como abandonar o único mundo que eu conhecia. Eu era um menino criado no mato, acostumado com a floresta, com os animais e com a vida simples da roça.

Minha mãe ainda alimentava a esperança de que meu pai pudesse mudar. Ela acreditava que, talvez em outro lugar, nossa vida pudesse ser diferente. Mas essa esperança não se concretizou. Continuamos vivendo os mesmos sofrimentos e enfrentando as mesmas dificuldades.

Então aconteceu uma das maiores tragédias da minha vida: a morte do meu irmão Bruno. Ele faleceu vítima de um choque elétrico. Sua perda me destruiu por dentro. Bruno não era apenas meu irmão; era meu

único amigo, meu companheiro de todas as horas. Crescemos juntos enfrentando a fome, o medo e as dificuldades. Quando ele partiu, senti como se uma parte de mim tivesse morrido também.

Enquanto eu ainda tentava lidar com aquela dor, outro acontecimento abalou nossa família. Meu pai foi acusado de matar um casal em um sítio e acabou sendo preso. Naquele momento, parecia que tudo estava desmoronando ao nosso redor. Eu não conseguia enxergar um fim para tanto sofrimento.

Minha mãe continuou visitando meu pai na prisão. Em uma dessas visitas, ela engravidou da minha irmã Gabriela. Seu nascimento trouxe um pouco de luz para uma família marcada pela tristeza e pelas dificuldades.

Com o passar do tempo, meu pai deixou a prisão. Não é fácil admitir isso, mas durante o período em que ele esteve preso foi uma das poucas épocas em que consegui sorrir. Sem sua presença em casa, as agressões haviam cessado. Havia medo e dificuldades, mas pelo menos não vivíamos sob a ameaça constante da violência.

Quando ele voltou, decidiu colocar em prática um antigo plano da família: mudar-se para outro estado em busca de uma nova vida. Foi assim que deixamos Pernambuco e seguimos para Sumaré, uma cidade do interior da região de Campinas, em São Paulo.

Eu não imaginava que os anos que viriam seriam alguns dos mais difíceis da minha infância e adolescência. Chegamos a um lugar muito diferente daquele que eu conhecia. O clima era frio, e tudo parecia estranho para um menino acostumado ao calor

e à liberdade da roça. Felizmente, uma tia que havia orientado minha mãe a deixar Pernambuco nos acolheu por um tempo em sua casa, ajudando nossa família a se estabelecer naquele novo começo.

Sem saber, eu estava prestes a iniciar um novo capítulo da minha história.

CAPÍTULO 2 – O BARRACO DE LONA

Depois que chegamos a São Paulo, fomos morar por um tempo na casa de uma tia. Mas a família dela também era grande, e não demorou para que ela pedisse que saíssemos. Minha mãe ficou desesperada. Não conhecia quase ninguém, não tinha estabilidade e precisava encontrar uma forma de sustentar a família.

Mesmo diante das dificuldades, ela nunca desistiu. Conseguiu alugar uma pequena casa de apenas um cômodo e um banheiro. Naquele período, parecia que Deus finalmente estava abrindo uma porta para nós. Meu pai estava havia algumas semanas sem beber, minha mãe conseguiu emprego como doméstica e ele arrumou trabalho como ajudante de pedreiro em uma construtora.

Foram cerca de seis meses que pareciam um sonho.

Pela primeira vez em muito tempo havia comida em casa. Eu tomava café da manhã, almoçava e jantava todos os dias. Entrei na escola. Ainda era um menino tímido, acostumado à vida no sítio, sem saber conversar com as outras crianças, mas estava feliz. Pela primeira vez senti que nossa vida poderia mudar.

Infelizmente, aquele sonho durou pouco.

Meu pai voltou a beber. Começou a faltar ao trabalho e acabou sendo demitido. Mais uma vez, o dinheiro ficou curto. O salário da minha mãe mal conseguia pagar o aluguel. As agressões recomeçaram. Quando ela chegava tarde do trabalho, era recebida com acusações, gritos e violência.

O inferno havia voltado.

A comida desapareceu novamente. Muitas vezes não havia nem café da manhã. Eu saía pelas ruas procurando algo para comer. Diferente do sítio, onde eu podia caçar, a cidade era outra realidade. Passei a sobreviver de frutas encontradas em árvores pelas ruas, goiabas, mangas e qualquer coisa que pudesse matar a fome.

A situação piorou quando minha mãe já não conseguia mais pagar o aluguel. Corríamos o risco de sermos despejados. Foi então que um conhecido falou sobre uma invasão de terrenos no bairro Nova Veneza.

As famílias estavam ocupando uma área vazia, mas era preciso permanecer no local dia e noite para garantir um pedaço de terra. Como meu pai passava a maior parte do tempo bebendo, minha mãe assumiu essa responsabilidade. Ela passava as noites no terreno para não perder a oportunidade.

Sem conseguir conciliar aquilo com o emprego, acabou deixando o trabalho.

Montamos um barraco de lona.

Não havia água. Não havia luz. Não havia conforto. E, muitas vezes, não havia comida.

Durante algum tempo sobrevivemos com batatas que nasciam na região. Assávamos e comíamos. À noite, eu e meu pai saíamos para pegar bananas verdes que depois eram cozidas com sal. Muitas vezes aquela era a única refeição do dia.

Com o tempo conseguimos um pequeno terreno na parte mais baixa da ocupação. Construímos um barraco de lona um pouco maior e ali vivemos por cerca de seis anos.

Foram seis anos de extrema pobreza.

Ao redor havia muitos barracos, violência constante e poucas oportunidades. Minha mãe não conseguia emprego fixo. A única saída era pedir ajuda nas ruas. Todos os dias ela saía ainda de madrugada e passava horas caminhando em busca de qualquer coisa que pudesse alimentar os filhos.

Eu me lembro de ficar esperando sua volta.

Quando o sol começava a se pôr, eu observava ao longe sua silhueta caminhando com uma sacola na cabeça. Ficava torcendo para que ela tivesse conseguido alguma coisa. Às vezes trazia um pouco de arroz, um pouco de trigo ou sal. Outras vezes não trazia nada.

Quando conseguia trigo, misturava com água e sal, fazia uma massa simples e assava na frigideira. Aquela refeição humilde muitas vezes era tudo o que tínhamos para dividir.

Ver o sofrimento da minha mãe me marcou profundamente.

Por isso comecei a acompanhá-la pelas ruas. Passei a pedir ajuda junto com ela. Ao mesmo tempo, fui matriculado na escola. Eu não tinha roupas adequadas, nem cadernos. Frequentemente ia para as aulas com um pedaço de lápis, um short rasgado e uma camisa velha.

Mesmo assim, eu ia feliz.

Na escola eu tinha algo precioso: uma refeição.

Meus professores perceberam minhas dificuldades e me ajudaram. Davam lápis, borrachas e cadernos usados que outros alunos não aproveitavam mais. Graças a esse apoio, consegui continuar estudando e avancei até a oitava série sem repetir nenhum ano.

Minha irmã também estudava, embora enfrentasse as mesmas dificuldades. Era muito magra e frequentemente ia para a escola com fome.

À noite, toda a família dormia no mesmo barraco de lona. A única iluminação vinha de um candeeiro. Pela manhã acordávamos com o rosto e as narinas cobertos pela fuligem da fumaça.

Enquanto isso, meu pai continuava preso ao alcoolismo. As agressões contra minha mãe e minha irmã continuavam sendo parte da nossa rotina.

Quando completei cerca de treze anos, tentei encontrar outra forma de ajudar. Montei uma pequena caixa de engraxate e comecei a trabalhar em um posto de gasolina frequentado por caminhoneiros. Algumas vezes conseguia dinheiro suficiente para comprar alguns ovos e levar para casa.

Mas a necessidade era maior do que eu podia resolver sozinho.

Continuei ajudando minha mãe nas ruas enquanto estudava.

A violência também crescia no bairro. As drogas dominavam a região. Eu via crimes, brigas e mortes acontecerem ao meu redor. Muitos jovens seguiram esse caminho.

Mas eu tinha um sonho.

Sonhava em ser jogador de futebol.

Era no futebol que encontrava esperança. Quando não estava na escola nem ajudando minha mãe, estava jogando bola. O esporte me manteve longe das drogas e da criminalidade. Enquanto muitos meninos se perdiam, eu me agarrava àquele sonho, acreditando que talvez existisse um futuro diferente para mim.

CAPÍTULO 3 – ENTRE A FOME E A ESPERANÇA

Apesar de toda a violência que o alcoolismo causava dentro de casa, existiam momentos em que eu conseguia enxergar o pai que existia por trás daquela doença.

De tempos em tempos, o álcool cobrava seu preço. Meu pai adoecia e passava alguns dias sem beber. Às vezes ficava uma semana ou até duas longe da bebida. Nesses momentos eu via um homem diferente. Via um pai que nos amava.

Lembro dele assando bananas verdes no fogo, colocando sal e me entregando para comer. Parecia sofrer por não conseguir alimentar a própria família.

Durante muitos anos, aquelas bananas verdes foram uma das principais fontes de alimento da nossa casa.

Mas a doença sempre vencia.

Depois de alguns dias de tranquilidade, ele voltava a beber e tudo recomeçava. As agressões, os gritos, a fome e o medo voltavam a fazer parte da nossa rotina.

Era uma vida sem sonhos e sem expectativas.

Muitas vezes eu acreditava que o mundo do crime era o único caminho possível para alguém como eu. Via rapazes da minha idade usando tênis novos, fazendo churrascos e andando com dinheiro no bolso. Enquanto isso, eu continuava usando praticamente as mesmas roupas desde os doze anos.

Aos dezesseis anos, eu tinha apenas uma calça, uma camisa e um tênis rasgado. Ainda carregava dentro de mim os mesmos sonhos da infância: ter uma bola e uma bicicleta. Mas o tempo passava e aqueles sonhos pareciam cada vez mais distantes.

Nos domingos, eu costumava ir ao final da feira para recolher frutas descartadas pelos feirantes. Muitas estavam machucadas ou com partes estragadas, mas eu retirava o que estava podre e levava o restante para casa. Para nós, aquilo era um tesouro.

Minha irmã também estava crescendo. Tornava-se adolescente em meio a tantas dificuldades. Faltavam roupas, faltava comida e sobravam traumas. Era doloroso vê-la naquela situação.

Nessa época comecei a procurar trabalho com mais insistência. Batia de porta em porta perguntando se alguém precisava de ajuda para limpar terrenos ou

fazer algum serviço pesado. Quase sempre recebia um não como resposta. Muitas pessoas nos enxergavam como mendigos, vagabundos ou possíveis ladrões.

De vez em quando conseguia alguns dias como servente de pedreiro. Mas quando chegava a sexta-feira e eu recebia meu pagamento, meu pai frequentemente aparecia para pegar o dinheiro e gastar com bebida.

Curiosamente, mesmo bêbado, ele sempre voltava carregando uma sacola com ovos e alguma comida simples para casa. Até hoje me lembro dele chegando cambaleando, mas com os ovos intactos dentro da sacola. Hoje consigo até sorrir ao lembrar dessa cena.

Aos dezesseis anos eu ainda morava no barraco de lona, sem água encanada e sem energia elétrica. Nos dias frios, o sofrimento aumentava. Não tínhamos cobertores adequados nem roupas de inverno.

Mesmo assim, eu saía para pedir ajuda pelas ruas.

Foi nessa época que conheci uma senhora que jamais esqueci. Sempre que eu passava em frente à sua casa, ela me oferecia um copo de café e um pão com manteiga. Para muita gente aquilo era algo simples. Para mim, era um gesto de carinho que fazia toda a diferença.

Anos depois, já adulto, voltei até aquela casa para agradecê-la e levar um presente. Infelizmente ela já não morava mais lá. Mas sua bondade ficou guardada para sempre na minha memória.

Nossa vida parecia nunca melhorar. Então aconteceu mais um problema envolvendo meu pai e fomos obrigados a deixar aquele bairro.

Vendemos o barraco por um valor muito baixo e nos mudamos para uma cidade chamada Fazendinha, na região de Jundiaí. Foi uma mudança importante.

Minha mãe conseguiu emprego em um frigorífico. Era um trabalho extremamente pesado. Ela carregava partes de boi nos ombros durante o expediente. Mas era uma mulher forte, determinada e acostumada a enfrentar dificuldades.

Durante alguns meses voltamos a ter uma vida um pouco mais digna. Havia comida na mesa, uma casa melhor e noites mais tranquilas. Meu pai diminuiu a bebida por um período. Eu e minha irmã estudávamos sem precisar pedir esmolas.

Foram cerca de seis meses de relativa paz.

Mas meu pai nunca conseguiu se adaptar àquele lugar. Queria voltar para o Nordeste. Minha mãe, apesar de tudo que havia sofrido, ainda não conseguia se libertar completamente dele.

Depois de trabalhar por mais alguns meses, juntou algum dinheiro, pediu demissão e decidiu retornar para Pernambuco.

Sem recursos para comprar as passagens, procurou ajuda na prefeitura. Conseguimos três passagens de ônibus.

A viagem foi uma das experiências mais difíceis da minha vida.

Foram três dias e três noites na estrada. Quase sem dinheiro e com pouca comida, passamos fome dentro do ônibus. O sofrimento daquela viagem foi tão grande que até hoje tenho dificuldades em viajar de ônibus.

Quando finalmente chegamos ao Nordeste, um dos meus tios, Leôncio, nos ofereceu uma casa em Garanhuns. Sempre tive grande admiração por ele e jamais esquecerei sua ajuda.

Eu já estava com dezessete anos.

Logo consegui meu primeiro emprego formal, trabalhando para a prefeitura na limpeza das ruas da cidade.

Meu pai voltou a morar conosco, mas continuava preso ao alcoolismo. Mesmo assim, aquele emprego representava algo enorme para mim. Pela primeira vez eu podia ajudar de verdade dentro de casa.

Com o salário, comprava o básico: arroz, farinha, ovos e o necessário para que ninguém passasse fome.

Minha mãe continuava lutando. Frequentemente visitava o sítio da minha avó e voltava trazendo leite, frutas e legumes para complementar nossa alimentação.

Eu e minha irmã continuávamos estudando.

Um dia, enquanto eu varria uma rua da cidade, alguns colegas começaram a rir e zombar de mim. Diziam que aquele era um trabalho sem valor.

Aquilo me machucou.

Mas eles não conheciam minha história.

Não sabiam das noites sem comida, do barraco de lona, das esmolas, da fome, nem de tudo que eu havia enfrentado para chegar até ali.

Enquanto eles riam, eu estava orgulhoso. Pela primeira vez na vida, eu estava trabalhando honestamente e ajudando minha família a sobreviver.

CAPÍTULO 4 – O CAMINHO QUE PODERIA TER ME DESTRUÍDO

Continuei trabalhando na prefeitura e sempre dava o meu máximo. Eu acreditava que, mesmo em um serviço simples, era preciso fazer tudo com dedicação.

Meu supervisor percebeu isso. Muitas vezes ele sabia que eu chegava sem tomar café da manhã. Em alguns dias me levava até uma lanchonete e comprava café com pão para mim. Sou muito grato por pessoas como ele. Ao longo da minha vida, encontrei seres humanos de coração enorme que fizeram diferença nos momentos mais difíceis.

Foi nessa época que conheci um vizinho chamado Barata.

Ele me ofereceu uma oportunidade que mudaria minha vida: um emprego como ajudante em uma marcenaria de móveis.

Aceitei imediatamente.

Todos os dias eu agradecia pela oportunidade. Agradecia tanto que um dia ele brincou comigo:

— Se você me pagasse um real toda vez que me agradece, eu já estaria rico.

Depois completou:

— Você é um menino trabalhador. Contratar você foi uma das melhores coisas que fizemos.

Eu chorava escondido.

Na prefeitura eu ganhava quarenta reais por mês. Na marcenaria ganhava sessenta. Pode parecer pouco para muita gente, mas para mim era uma fortuna. Além disso, eu estava aprendendo uma profissão.

Eu amava aquele trabalho.

Pela primeira vez sentia que minha vida estava seguindo um caminho diferente.

Consegui comprar um tênis novo. Foi algo simples, mas para mim representava uma conquista enorme. Eu nunca tinha tido algo assim.

Mas, mais uma vez, a vida parecia testar meus limites.

Meu pai brigou com minha mãe e voltou para São Paulo. Dizia que iria mudar de vida, parar de beber e construir uma casa para nós.

Algum tempo depois minha mãe resolveu ir vê-lo.

Eu não acreditava naquela história.

Pedi que ela não fosse. Disse que estávamos bem em Garanhuns. Eu tinha trabalho, estava aprendendo uma profissão e nossa vida finalmente estava entrando nos trilhos.

Mas ela decidiu ir.

Ficou cerca de trinta dias em São Paulo. Quando voltou, estava convencida de que deveríamos retornar.

Meu pai realmente estava trabalhando. Ganhava muito mais do que eu e, naquele momento, parecia estar longe da bebida.

Minha mãe pediu que eu deixasse o emprego para acompanhá-la.

Foi uma das decisões mais difíceis da minha vida.

Eu amava aquele trabalho. Amava a profissão que estava aprendendo. Mas eu não conseguia abandonar minha mãe.

Quando pedi demissão, meu patrão e meu amigo Barata me agradeceram pelo trabalho e ainda me deram um dinheiro extra para ajudar na viagem.

Antes de eu partir, disseram algo que jamais esqueci:

— Se um dia você voltar, as portas estarão abertas.

Aquele ano em Garanhuns havia sido um dos mais felizes da minha juventude.

Mas partimos novamente para São Paulo.

Quando cheguei e vi aquele bairro outra vez, senti um desespero enorme.

Parecia que todos os fantasmas da minha infância tinham voltado.

Fomos morar em uma área ainda pior do que a anterior. A violência era constante. Pessoas eram assassinadas com frequência. O medo fazia parte da rotina.

Nos primeiros meses tudo parecia estar dando certo. Meu pai comprou um terreno em uma área ocupada que antigamente havia sido uma barragem.

Com muito esforço construímos uma pequena casa de quatro cômodos.

Quando nos mudamos, ela ainda não tinha portas, janelas nem piso. Minha cama era feita de tijolos cobertos por um pedaço de espuma.

Mesmo assim, para nós parecia um palácio.

Mas a felicidade durou pouco.

Assim que a casa ficou pronta, meu pai voltou a beber.

Perdeu o emprego.

A violência voltou.

A fome voltou.

O desespero voltou.

Um dia ele agrediu minha mãe novamente.

Só que eu já não era mais uma criança.

Enfrentei meu pai pela primeira vez.

Nós brigamos fisicamente e eu disse que, se ele voltasse a bater na minha mãe, eu não permitiria mais.

Depois daquele dia ele nunca mais a agrediu da mesma forma.

Mas o alcoolismo continuou destruindo sua vida e a nossa.

Minha mãe voltou a pedir ajuda nas ruas.

Eu passava os dias procurando trabalho.

Em muitos momentos estive perto de entrar para o crime.

Foi então que tomei uma decisão importante: fui morar com minha tia Carminha.

Ela me recebeu como um filho.

Lá também morava meu primo, que para mim foi como um irmão. Hoje ambos já partiram, mas continuam vivos nas minhas lembranças.

Morei cerca de um ano com eles.

Foi um período decisivo.

Meu primo me mostrou outro lado da vida. Em vez de andar com criminosos, passávamos o tempo tentando conhecer garotas, frequentando festas e vivendo como jovens normais.

Aquilo me afastou do caminho errado.

Mesmo assim, eu ainda carregava muita revolta dentro de mim.

Me envolvi em brigas.

Fiz inimigos.

Cheguei a passar por situações extremamente perigosas.

Quando vi a violência se aproximando cada vez mais da minha vida, decidi voltar para a casa da minha mãe.

Mas a realidade continuava dura.

Meu pai estava cada vez mais destruído pelo álcool. Minha mãe sofria. Eu me sentia sem rumo.

Comecei a me aproximar de pessoas envolvidas com o crime.

Fiz escolhas erradas.

Minha raiva era grande e eu estava disposto a enfrentar qualquer coisa.

O destino parecia já estar escrito.

Mas Deus tinha outros planos.

Em meio a toda aquela confusão, conheci uma mulher que mudaria minha história.

Quando ela engravidou, algo aconteceu dentro de mim.

Pela primeira vez na vida nasceu um sonho.

Não era mais a bicicleta que eu nunca tive.

Não era mais a bola de futebol que tanto desejei.

Era algo muito maior.

Minha filha ainda nem havia nascido, mas já estava transformando meu coração.

Ao mesmo tempo, minha mãe tomou uma decisão que parecia impossível.

Depois de mais de vinte anos de sofrimento, ela finalmente encontrou forças para se separar do meu pai.

Pela primeira vez em décadas, ela começava a experimentar a liberdade.

CAPÍTULO 5 – QUANDO NASCEU A ESPERANÇA

Quando aquela mulher maravilhosa engravidou, minha primeira reação não foi de alegria.

Eu achava que nossa vida ficaria ainda mais difícil.

Passei a infância convivendo com a fome, a violência e o desespero. Tudo o que eu conhecia era sofrimento. Por isso, quando soube que seria pai, pensei que mais dificuldades estavam chegando.

Mas Deus tinha preparado algo extraordinário para minha vida.

No começo, ela escondeu a gravidez da família. Seus pais eram rígidos e ela tinha medo da reação deles. O que ela não sabia era que sua família sempre esteve ao seu lado.

Quando descobriram a gravidez, a primeira preocupação deles foi saber quem era o pai da criança.

Foi assim que chegaram até mim.

Marcaram uma conversa para a noite, porque o pai dela trabalhava como caminhoneiro e só chegava em casa mais tarde.

Naquele encontro, fui sincero.

Contei toda a verdade.

Disse que era um rapaz pobre, sem emprego fixo, vindo de uma vida muito sofrida. Não tinha dinheiro, não tinha casa digna e não tinha nada de valor para oferecer.

Mas também disse que era homem o suficiente para assumir minha responsabilidade.

Olhei nos olhos deles e prometi que assumiria minha filha.

Eles ouviram tudo com atenção.

No final da conversa disseram que me ajudariam no que fosse possível.

No dia seguinte fui buscá-la para morar comigo.

Era uma noite fria.

Ela entrou em uma realidade completamente diferente daquela em que havia sido criada.

Nossa casa não tinha portas, não tinha janelas, não tinha piso e quase não tinha móveis.

Minha cama era feita de tijolos cobertos por um pedaço de espuma.

Quando ela chegou, percebi o desespero em seus olhos.

Acho que naquele momento ela entendeu o tamanho das dificuldades que enfrentaríamos.

Mas ela ficou.

Mais tarde abriu a geladeira.

Havia apenas água gelada e algumas pedras de gelo.

Depois entrou no banheiro e gritou:

— Cadê o chuveiro?

Ela estava acostumada a tomar banho quente.

Eu já tinha dezenove anos e nunca tinha tido esse privilégio. Minha vida inteira tinha tomado banho de água fria, não importando o frio que estivesse fazendo.

Expliquei que ainda não tínhamos chuveiro.

Minha mãe correu para esquentar água no fogão para ela tomar banho.

Naquela noite eu quase não dormi.

Sabia que precisava mudar nossa situação.

No dia seguinte saí cedo procurando emprego.

Passei o dia inteiro caminhando pelas ruas.

Quando voltei para casa, cansado e sem esperança, ela me chamou:

— Vem tomar café.

Meu coração apertou.

Eu sabia que não havia dinheiro para comprar café.

Entrei desconfiado.

Quando vi a mesa, fiquei sem palavras.

Havia café, pão, frutas, biscoitos e outras coisas que eu não estava acostumado a ver reunidas sobre uma mesa.

Perguntei:

— Onde você conseguiu tudo isso?

Ela respondeu:

— Minha mãe trouxe algumas coisas e eu fiz os biscoitos.

Naquele momento senti algo que nunca havia sentido.

Era como se Deus estivesse me mostrando que eu não estava mais sozinho.

Olhei para minha mãe e disse:

— Mãe, eu ganhei na Mega-Sena.

Ela sorriu com os olhos cheios de lágrimas e respondeu:

— Sim, meu filho. Você encontrou uma grande mulher.

E ela tinha razão.

Depois da chegada dela, nossa vida começou a mudar.

Ela conseguiu trabalho ajudando um tio que era pedreiro.

Minha mãe passou a lavar roupas para outras pessoas.

Pouco tempo depois instalamos um chuveiro em casa.

Até estranho eu achava tomar banho quente.

Era algo totalmente novo para mim.

Apesar disso, nossa casa continuava muito simples.

Ela estava acostumada a um pouco mais de conforto.

Por isso sua mãe nos ofereceu um pequeno quarto nos fundos da casa.

Aceitamos.

A família dela era simples, mas trabalhadora.

O pai dela fazia questão de não deixar faltar o básico dentro de casa.

Foi uma fase de felicidade.

Logo consegui emprego como balconista em um restaurante.

Fazia de tudo.

Lavava banheiro, limpava o que fosse preciso e aceitava qualquer serviço.

Muitas vezes fui humilhado.

Mas nunca reclamei.

Eu tinha uma família para sustentar.

Quando minha filha nasceu, eu não consegui estar presente no momento do nascimento.

Aquilo me machucou.

Mas prometi a mim mesmo que faria de tudo para ser um pai diferente daquele que eu tive.

Foi então que mais uma pessoa especial apareceu em minha vida.

Um amigo chamado Tião.

Ele trabalhava em uma multinacional e me incentivou a participar de um processo seletivo.

Fui fazer a prova.

Havia vinte e cinco candidatos para apenas cinco vagas.

Quando o resultado saiu, fiquei em sexto lugar.

Por muito pouco não fui contratado.

Voltei para casa decepcionado.

Continuei trabalhando no restaurante, ganhando pouco e fazendo serviços pesados.

Mas Deus ainda não tinha terminado sua obra.

Alguns dias depois, a empresa ligou.

O telefone da família de minha esposa era um dos poucos da região.

Quem atendeu foi um primo dela que não gostava muito de mim.

Mesmo assim, deixou o recado.

Naquela noite quase não consegui dormir.

Algo dentro de mim dizia que aquela ligação podia mudar minha vida.

Na manhã seguinte fui até a empresa.

Quando cheguei, havia várias pessoas esperando para fazer a prova.

Entrei normalmente.

Mas uma funcionária me reconheceu.

Ela perguntou:

— Você já não fez essa prova?

Meu coração afundou.

Achei que tinha perdido a oportunidade.

Então ela sorriu e disse:

— Não precisa fazer de novo. Nós já ligamos para você. Você foi chamado para fazer os exames admissionais.

Naquele instante o mundo pareceu parar.

Perguntei se era verdade.

Ela confirmou.

Peguei os documentos e o endereço dos exames.

Saí da empresa chorando.

Chorando como poucas vezes chorei na vida.

Pela primeira vez eu sentia que uma porta estava se abrindo.

Depois de uma infância marcada pela fome, pelas esmolas, pelo barraco de lona e pela violência, eu estava prestes a entrar em uma multinacional.

Sem saber, aquele era o começo de uma nova etapa da minha história.

CAPÍTULO 6 – O PRIMEIRO TIJOLO DO IMPÉRIO

Quando comecei a trabalhar na Sherwin-Williams, eu não imaginava que aquela empresa seria o início da construção de tudo o que viria depois na minha vida.

Entrei como temporário, com apenas três meses de experiência. Desde o começo deixaram claro que não havia garantia de efetivação. Entramos cinco pessoas e apenas alguns poderiam ficar.

Mas eu estava acostumado a lutar.

Enquanto muitos viam aquele emprego apenas como mais um trabalho, eu via como a oportunidade da minha vida.

Todos os dias eu chegava disposto a dar tudo de mim.

Quando a máquina parava, enquanto alguns colegas descansavam ou ficavam conversando, eu pegava vassoura, rodo e balde com água para limpar o setor.

Eu trabalhava como se minha vida dependesse daquilo.

E, de certa forma, dependia.

Tinha uma esposa, uma filha e um sonho que começava a nascer dentro de mim.

Durante dois meses trabalhei sem medir esforços.

Foi então que algo aconteceu.

Um supervisor de outro setor se aproximou de mim e perguntou:

— Qual é o seu nome?

Respondi:

— Adriano Tenório.

Ele sorriu e disse:

— O meu é Dinis.

Depois falou algo que jamais esqueci:

— Tenho quase quinze anos nesta empresa e nunca vi alguém trabalhar com tanta vontade quanto você.

Fiquei emocionado.

Respondi:

— Obrigado, senhor. Eu tenho uma filha. Isso aqui é tudo o que tenho. Se precisar, eu até como tinta para continuar trabalhando nesta fábrica.

Ele riu.

Mas eu estava falando sério.

Uma semana depois ele voltou.

Perguntou se eu gostaria de trabalhar no setor dele.

Fiquei sem acreditar.

Expliquei que provavelmente não seria efetivado.

Então ele disse:

— Se você vier trabalhar comigo, já entra efetivado.

Naquele momento senti como se Deus estivesse respondendo todas as minhas orações.

Aceitei imediatamente.

Agradeci tanto que nem encontrei palavras suficientes.

Na segunda-feira seguinte fui transferido para o novo setor.

Passei no Recursos Humanos, entreguei os documentos e assinei minha efetivação.

Naquele dia voltei para casa chorando de felicidade.

Pela primeira vez na vida eu sentia que tinha conquistado uma oportunidade verdadeira.

Os anos seguintes foram de muitas vitórias.

Trabalhei duro.

Aprendi.

Cresci.

E comecei a sonhar.

O primeiro grande sonho era ter um lugar para morar.

Depois de quase dois anos vivendo na casa da minha sogra, apareceu uma oportunidade.

Um homem do bairro estava vendendo meio lote por três mil reais.

Eu queria comprar, mas não tinha dinheiro.

Tentei financiamento no banco.

Consegui apenas mil e quinhentos reais.

Mesmo assim precisava de um avalista.

Parecia impossível.

Foi então que outro anjo apareceu em minha vida.

Meu amigo Jeremias.

Trabalhávamos juntos havia anos.

Quando contei minha dificuldade, ele simplesmente disse:

— Eu serei seu avalista.

Fiquei sem palavras.

Sabia que ele já tinha passado por problemas ajudando outras pessoas.

Mesmo assim resolveu confiar em mim.

Disse que eu era trabalhador e que acreditava na minha palavra.

Aquilo me marcou profundamente.

Mas ainda faltava dinheiro.

Foi então que minha mãe, que estava se preparando para voltar para Pernambuco, me ofereceu quinhentos reais que havia recebido da venda do barraco onde morava.

Ela sabia o quanto aquele terreno significava para mim.

Agora eu tinha dois mil reais.

Ainda faltava completar o valor.

Minha sogra havia me dado uma televisão e um aparelho de som.

Eram praticamente os únicos bens que eu possuía.

Levei a proposta ao dono do terreno.

Quando cheguei lá, vi uma mulher pronta para comprar o lote à vista, com o dinheiro na mão.

Meu coração afundou.

Achei que tinha perdido a oportunidade.

Mas então ele me chamou.

Perguntou quanto eu tinha conseguido.

Expliquei minha situação.

Foi quando ele disse algo que jamais esquecerei:

— Conheço você desde pequeno. Sei quem você é. Você nunca se envolveu com coisa errada e sempre lutou pela sua família. O terreno é seu.

Naquele instante parecia que eu estava vivendo um sonho.

Eu e minha esposa mal conseguíamos acreditar.

Assinamos os documentos.

Quando vimos aquele papel confirmando que o terreno era nosso, sentimos uma felicidade impossível de explicar.

Milhões de pessoas sonham com a casa própria.

Eu, que tinha vivido em barracos de lona, sem água, sem luz e sem comida, agora possuía um pedaço de

terra.

Era o primeiro patrimônio da minha vida.

Mesmo pagando as parcelas do empréstimo, comecei a construir.

Tijolo por tijolo.

Sacrifício por sacrifício.

Em apenas um ano consegui levantar uma casa simples, com quatro cômodos e banheiro.

Quando eu e minha esposa entramos naquela casa pela primeira vez, senti algo que nunca havia sentido.

Segurança.

Pela primeira vez minha família tinha um lar de verdade.

Ali não terminava uma história.

Ali começava uma nova.

Sem perceber, naquele pequeno terreno comprado com ajuda de pessoas que acreditaram em mim, eu estava colocando o primeiro tijolo do império que sonhava construir.

CAPÍTULO 7 – O SONHO DE SAIR DA FAVELA

Quando entramos na nossa primeira casa, ela ainda era muito simples.

Não tinha portas completas, faltavam janelas, os móveis eram poucos e quase tudo tinha sido conseguido com muito sacrifício.

Mas para nós parecia um palácio.

Minha sogra nos deu uma cama.

Compramos uma geladeira usada.

Conseguimos uma mesa simples.

E um dia encontramos um sofá abandonado na rua.

Levamos para casa felizes da vida.

Foi nesse sofá que aconteceu uma das histórias mais engraçadas daquela época.

Nossa filha ainda era pequena e vivia reclamando que afundava quando sentava em um canto do sofá.

Achávamos estranho.

Até que um dia resolvemos investigar.

Quando abrimos o forro descobrimos um enorme ninho de ratazana cheio de filhotes.

Tomamos um susto daqueles.

Mas demos risada também.

Limpamos tudo, tiramos os ratos e continuamos usando o sofá por muitos anos.

Tenho até foto dele guardada até hoje.

Cada pequena conquista era motivo de comemoração.

Quando colocava uma porta nova, eu tirava foto.

Quando conseguia comprar uma janela, eu tirava foto.

Quando melhorava alguma coisa na casa, eu registrava.

Quem nunca passou necessidade talvez não entenda.

Mas para alguém que cresceu em barraco de lona, cada tijolo era uma vitória.

Na empresa eu continuava trabalhando com dedicação.

Meu salário aumentava aos poucos.

Meu chefe confiava em mim.

Eu aprendia a me comportar, a conversar com as pessoas e a crescer profissionalmente.

Minha vida nunca tinha me ensinado essas coisas.

Mas eu estava disposto a aprender.

Foi então que nasceu um novo sonho.

Eu queria sair da favela.

Queria morar no asfalto.

Para muitas pessoas aquilo parecia impossível.

Mas também diziam que seria impossível eu ter uma casa própria.

E eu tinha conseguido.

Por isso continuei acreditando.

Algum tempo depois apareceu a oportunidade de trocar nossa casa por outra em um terreno maior, na rua onde minha sogra morava.

Era uma casa melhor.

Maior.

Com mais espaço para a família.

Investi dinheiro nela.

Coloquei piso.

Fiz melhorias.

A casa ficou linda.

Eu e minha esposa quase não conseguíamos dormir de tanta felicidade.

Durante um tempo vivi uma das fases mais tranquilas da minha vida.

Mas foi também nessa época que comecei a me perder um pouco.

Eu sempre dizia que nunca beberia.

Tinha visto o estrago que o álcool causou na vida do meu pai.

Mas comecei a beber socialmente.

No começo parecia apenas diversão.

Não atrapalhava meu trabalho nem minha família.

Mas era um caminho perigoso.

Foi aí que nasceu um ser humano incrível que ia mudar minha vida. Minha filha me fez não me perder no crime, e meu filho Júnior me ensinou a nunca abandonar a família, me ensinou o valor da família e de tudo o que construímos.

Mesmo assim continuei trabalhando e alimentando meu sonho de sair definitivamente da favela.

Então tomamos uma decisão que assustou muita gente.

Colocamos nossa casa à venda.

Nossa família dizia:

— Vocês estão loucos.

— Nunca mais vão conseguir comprar uma casa igual a essa.

— Estão arriscando tudo.

Mas nossa fé era maior que o medo.

Um dia apareceu um homem interessado.

Antes mesmo de fechar negócio, ele deixou dez reais com minha esposa.

Disse que aquele dinheiro era para reservar a casa.

Quando ela me contou, eu dei risada.

Na mesma época eu havia realizado outro sonho.

Comprei meu primeiro carro.

Um Volkswagen Logus financiado.

Eu ganhava cerca de seiscentos e sessenta reais por mês e pagava prestações de trezentos e trinta.

Parecia uma loucura.

Mas eu estava feliz.

Meu sonho de infância era ter uma bicicleta.

Agora eu tinha um carro.

Muitas noites eu ficava olhando para ele estacionado e pensando em tudo que tinha vivido.

Parecia impossível.

Alguns dias depois, aquele homem voltou.

Disse que queria comprar a casa.

Fechamos negócio por vinte e dois mil reais.

Ele ainda permitiu que permanecêssemos morando nela por dois meses até encontrarmos outro lugar.

Foi então que começou a fase mais difícil.

Como vender uma casa de vinte e dois mil reais dentro da favela e comprar outra no asfalto?

Durante quarenta e cinco dias procuramos sem parar.

Os preços eram muito mais altos.

Minha esposa começou a ficar desesperada.

A família pressionava.

Dizia que tínhamos cometido um erro.

Mas eu continuava acreditando.

Um dia ela encontrou uma casa bonita no mesmo bairro.

Ligou animada.

Mas eu disse:

— Não vendi nossa casa para continuar no mesmo lugar.

— Confia em mim.

— Se não conseguir confiar em mim, confia em Deus.

Continuamos procurando.

Até que apareceu uma oportunidade inacreditável.

Em um bairro mais distante havia uma casa linda.

Terreno inteiro.

Muro.

Portão.

Área de churrasco.

Era muito melhor do que qualquer coisa que tínhamos imaginado.

O proprietário estava desesperado.

Precisava quitar o terreno em poucos dias ou perderia tudo para a construtora.

Ele já tinha investido mais de quarenta mil reais e ainda faltavam cerca de vinte mil para quitar.

Fomos conversar.

Ele pediu quarenta mil reais.

Expliquei que só tinha vinte mil em dinheiro.

Ofereci também meu carro financiado e mais algumas parcelas.

Ele recusou.

Voltamos para casa tristes.

Parecia que o sonho tinha acabado.

Mas poucos minutos depois ele me ligou.

Pediu que voltássemos.

Quando chegamos, ele disse:

— Foi Deus quem mandou você aqui.

— Se eu perder essa casa, perco tudo.

— Pelo menos vou ficar com o carro.

Fechamos negócio naquele instante.

Fomos até a construtora.

Quitamos a dívida.

Assinamos os documentos.

Quando vi aquela casa passando para o meu nome, senti as lágrimas escorrerem.

Pensei em tudo que tinha vivido.

Na fome.

Nas esmolas.

No barraco de lona.

Nas noites sem jantar.

Nas bananas verdes cozidas com sal.

E agora eu estava comprando uma casa que parecia uma mansão para alguém que tinha vindo de onde eu vim.

Mas Deus ainda me reservava mais uma surpresa.

O dono da casa gostou do som do meu carro.

Conversamos.

Negociamos.

No final, além da casa, ainda saí com um Fusca.

Quando entrei naquele carro, não conseguia acreditar.

Eu tinha saído da favela.

Tinha comprado uma casa melhor.

E ainda estava voltando dirigindo outro carro.

Às vezes conto essa história e nem eu consigo acreditar.

Mas ela aconteceu.

E foi nesse momento que percebi uma coisa:

o sofrimento pode durar muitos anos.

Mas ele não dura para sempre.

Quando a fé caminha junto com o trabalho, milagres acontecem.

CAPÍTULO 8 – O HOMEM QUE SACRIFICAVA O ALMOÇO

Depois de comprar aquela casa, ainda tivemos que esperar trinta dias para entrar.

Havia um inquilino morando nela.

Para muita gente, um mês passa rápido.

Para nós parecia uma eternidade.

Todos os dias eu e minha esposa passávamos em frente à casa.

Parávamos alguns minutos e ficávamos olhando.

Não conseguíamos acreditar.

Depois de tudo o que tínhamos vivido, aquela casa parecia um sonho.

Durante trinta dias repetimos aquele ritual.

Passávamos na frente, olhávamos para ela e imaginávamos como seria nossa vida ali.

Quando finalmente chegou o dia da mudança, a felicidade foi enorme.

Entramos naquela casa como quem entra em um palácio.

A família não acreditava.

Muitos pensavam que tínhamos alugado a casa.

Ninguém imaginava que ela era realmente nossa.

Fizemos uma pequena festa.

Até hoje lembro daquele dia como um dos mais felizes da minha vida.

Mas toda conquista tem um preço.

Eu ganhava cerca de seiscentos e sessenta reais por mês.

Pagava trezentos e trinta reais do financiamento do carro.

E mais trezentos reais das parcelas da casa.

Sobravam apenas trinta reais.

Trinta reais para alimentar a família, viver e continuar sonhando.

Parecia impossível.

Mas eu já tinha enfrentado coisas muito piores.

Sabia que conseguiríamos.

Pouco tempo depois, Deus abriu mais uma porta.

Fui trabalhar com o Fusca que tinha recebido no negócio da casa.

Um colega viu o carro e disse:

— Meu sonho é ter um Fusca branco igual esse.

Na mesma hora tive uma ideia.

Perguntei se ele compraria o carro parcelado.

Expliquei minha situação.

Disse que, se ele assumisse as parcelas do meu carro financiado, o Fusca seria dele.

Ele aceitou.

Fizemos um contrato.

Naquele dia agradeci a Deus.

Agora eu teria dinheiro para manter comida dentro de casa.

Uma das minhas maiores preocupações era que meus filhos nunca passassem a fome que eu havia passado.

A vida continuava melhorando.

Mas nem tudo eram vitórias.

Minha bebida começou a aumentar.

Eu saía mais.

Gastava mais tempo longe de casa.

Meu casamento começou a sofrer.

Pela primeira vez percebi que estava correndo o risco de repetir erros que tinha visto destruir a vida do

meu pai.

Não era igual a ele.

Mas estava caminhando por uma estrada perigosa.

O dinheiro e as conquistas podem iludir qualquer pessoa.

Quando começamos a melhorar de vida, precisamos ter ainda mais cuidado para não perder tudo.

Por pouco não perdi minha família.

Foi então que decidi mudar novamente.

Vendemos aquela casa e compramos outra em uma região melhor, mais próxima do centro.

A cada mudança nossa vida melhorava.

As roupas eram melhores.

A alimentação era melhor.

Os filhos tinham mais conforto.

Eu continuava trabalhando muito.

Fazia horas extras sempre que apareciam.

Dava tudo de mim dentro da empresa.

Foi nessa época que nasceu um novo sonho profissional.

Dentro da fábrica existia um setor chamado Colorimetria.

Os coloristas eram profissionais respeitados e tinham um dos melhores salários da produção.

Eu queria chegar lá.

Comecei minha trajetória lavando tachos de tinta, limpando máquinas e realizando os serviços mais pesados.

Muitas vezes minhas pernas doíam tanto que eu entrava no banheiro apenas para me sentar alguns segundos antes de voltar ao trabalho.

Mas nunca parei.

Fiz amizade com os coloristas.

Um dia perguntei:

— Vocês me ensinam?

Eles responderam:

— Ensinamos.

A partir daquele momento comecei uma rotina que poucos fariam.

Durante meu horário de almoço, enquanto a maioria descansava, eu voltava para o setor deles.

Aprendia fórmulas.

Aprendia processos.

Aprendia tudo o que podia.

Em troca ajudava a limpar.

Quando derramava tinta no chão, eu limpava.

Quando precisavam organizar alguma coisa, eu ajudava.

Quando precisavam de apoio, eu estava lá.

Meus colegas zombavam.

Diziam:

— Vai lá limpar o chão dos coloristas.

Eu apenas abaixava a cabeça e continuava.

Eles enxergavam humilhação.

Eu enxergava oportunidade.

Durante quase três anos mantive aquela rotina.

Todos os dias.

Sem faltar.

Sem reclamar.

Até que surgiu uma vaga de colorista.

O chefe reuniu a equipe para discutir quem deveria ocupar o cargo.

Foi então que os próprios coloristas disseram:

— Não precisa contratar ninguém.

— O novo colorista já está aqui dentro.

O gerente perguntou:

— Quem?

Eles responderam:

— O Tenório.

Ele ficou surpreso.

Disseram que eu conhecia o trabalho.

Que tinha aprendido com eles.

Que estava preparado.

E que, além disso, era um trabalhador diferente.

Pouco depois fui chamado para uma conversa.

O gerente olhou para mim e disse:

— Tenório, eu sempre soube que você tinha futuro aqui.

— Você sempre ajudou todo mundo.

— Agora chegou a hora de retribuir.

Respirei fundo.

Então ouvi as palavras que mudariam minha vida:

— A partir de segunda-feira você será o novo colorista da empresa.

No começo eu não receberia o salário completo do cargo.

Mas já seria uma promoção.

Naquele momento minhas pernas ficaram bambas.

Os olhos encheram de lágrimas.

O gerente também se emocionou.

Depois de tantos anos de luta, alguém estava reconhecendo meu esforço.

Saí da sala sem acreditar.

Subi em uma plataforma dentro da fábrica.

Olhei para o céu.

E gritei:

— Eu consegui!

Existem alegrias que não dá para explicar.

Existem momentos em que o coração parece não caber dentro do peito.

Aquele foi um deles.

O menino que caçava para não morrer de fome.

O jovem que pedia esmolas nas ruas.

O rapaz que morou em barraco de lona.

Agora era um profissional respeitado dentro de uma multinacional.

E aquilo era apenas o começo.

CAPÍTULO 9 – APRENDENDO A CONSTRUIR RIQUEZA

Minha jornada continuava.

Passei quatro anos trabalhando como colorista.

No começo era o emprego dos meus sonhos. Mas com o tempo a empresa mudou. Entraram novos gestores e o ambiente deixou de ser o mesmo.

Eu continuava trabalhando duro, mas havia uma coisa que me incomodava.

Meu salário nunca chegou perto do salário dos outros coloristas.

Durante quatro anos trabalhei sozinho no turno da noite fazendo praticamente o trabalho que seis coloristas realizavam durante o dia.

Um dia decidi conversar com o novo gerente.

Pedi uma reunião.

Já sabia que seria uma conversa difícil.

Quando sentei em sua sala, ele foi direto:

— Se for pedir aumento, pode pedir a conta. Aqui não tem aumento.

Mesmo assim tentei explicar.

Contei que meu salário estava defasado havia anos.

Expliquei que trabalhava sozinho e assumia responsabilidades muito maiores do que as previstas para meu cargo.

Ele apenas respondeu:

— Pouco para pobre é muito.

Saí daquela sala em silêncio.

Mas por dentro alguma coisa tinha morrido.

A empresa que havia mudado minha vida já não era mais a mesma.

Pouco tempo depois pedi demissão.

Recebi meus direitos e, como acontece com muitos trabalhadores que conquistam algum dinheiro pela primeira vez, fiz uma loucura.

Comprei um carrão à vista.

Foi uma sensação incrível.

Passei anos sonhando com uma bicicleta.

Agora tinha um carro que chamava atenção por onde passava.

Mas a felicidade durou pouco.

Os meses foram passando e eu não conseguia emprego.

Seis meses depois o dinheiro começou a diminuir.

As contas continuavam chegando.

A situação começou a apertar.

Minha esposa adorava aquele carro.

Mas eu percebia que precisava tomar uma decisão.

Um dia vendi o carro.

Cheguei em casa com os cheques da venda.

Minha esposa chorou.

Ela gostava muito daquele carro.

Mas eu disse:

— Hoje estamos dando um passo para trás.

— Mas eu prometo que logo vamos dar dois para frente.

Foi uma das decisões mais importantes da minha vida.

Naquele momento comecei a enxergar algo que mudaria meu futuro.

Os imóveis.

Passei a estudar terrenos, documentos e oportunidades.

Foi então que encontrei um terreno de aproximadamente dezoito metros por vinte.

A mulher que ocupava o local acreditava que tinha direito sobre ele por posse.

Comprei o terreno imaginando que talvez nunca tivesse documentação.

Mas sempre gostei de fazer as coisas do jeito certo.

Comecei a pesquisar.

Descobri que existiam registros, IPTU e um proprietário antigo.

Depois de muito procurar, encontrei o verdadeiro dono.

Era um padre que havia se mudado para Minas Gerais.

Consegui seu telefone e liguei.

Expliquei toda a situação.

Ele ouviu atentamente.

Conhecia a lei e sabia exatamente como resolver o problema.

Sugeriu uma procuração que permitisse regularizar tudo sem necessidade de um processo longo de usucapião.

Quando vi a documentação sendo transferida corretamente para meu nome, percebi o valor daquele terreno aumentar diante dos meus olhos.

Foi minha primeira grande lição como investidor.

Compramos.

Regularizamos.

Valorizamos.

Depois dividimos o terreno em três lotes.

Vendemos.

Com o dinheiro compramos outro terreno.

Dessa vez um terreno comercial.

Enquanto isso, também conseguimos comprar um carro melhor do que o anterior.

Parecia que Deus sempre devolvia mais do que eu tinha coragem de entregar.

Mesmo assim continuei procurando emprego.

Eu só conhecia o mundo da produção industrial.

Não tinha faculdade.

Não tinha cursos sofisticados.

Os salários oferecidos eram baixos.

Mas trabalhava porque nunca tive medo do trabalho.

Nessa época eu tinha uma boa casa.

Um carro excelente.

Um terreno comercial.

E emprego.

Muita gente teria parado por ali.

Mas eu não conseguia.

Dentro de mim existia uma voz dizendo que ainda dava para crescer mais.

Sempre sonhei em morar nos bairros onde viviam as pessoas mais bem-sucedidas da cidade.

Queria oferecer algo melhor para minha família.

Depois de algum tempo entrei em outra empresa.

Mas minha saúde começou a piorar.

Estava cansado.

Anos e anos trabalhando sem parar tinham deixado marcas.

Foi então que tomei outra decisão corajosa.

Liguei para minha esposa e disse:

— Vamos construir um barracão no terreno comercial.

— Vou vender o carro.

— Vamos abrir uma mecânica.

Ela já conhecia minha maneira de pensar.

Não teve medo.

Sabia que eu nunca desistia.

Vendemos os carros.

Troquei um Chevrolet Malibu por veículos mais simples e dinheiro.

Investimos tudo na construção do salão.

Quando terminamos a obra, compramos algumas ferramentas e chamamos um mecânico para ser sócio operacional.

A ideia parecia perfeita.

Ele trabalharia.

Nós dividiríamos os lucros.

Mas nem todos os sonhos acontecem como planejamos.

Depois de quase dois anos descobri que ele estava me roubando.

Foi uma decepção enorme.

Fechei a oficina.

Por alguns dias me senti derrotado.

Mas logo transformei o problema em oportunidade.

Aluguei o salão.

Voltei a investir em imóveis.

E continuei sonhando.

Mais uma vez coloquei minha casa à venda.

Muita gente não entendia.

Mas eu sabia exatamente o que queria.

Queria morar em um bairro melhor.

Mais organizado.

Mais próximo do centro.

Quando a venda aconteceu, encontramos uma casa em uma região de alto padrão.

Ela não era perfeita.

Na verdade, era a casa mais simples da rua.

Alguns até a compariam a um porão.

Mas para mim significava muito mais.

Era a prova de que o menino que cresceu em um barraco de lona estava cada vez mais perto dos lugares

que um dia pareciam inalcançáveis.

E eu sabia que aquela ainda não seria a última mudança da minha vida.

Eu estava apenas começando a entender como construir patrimônio.

E, principalmente, como construir um futuro.

CAPÍTULO 10 – ONDE OS RICOS MORAVAM

Depois daquela mudança, eu nunca mais trabalhei para ninguém.

O aluguel do salão ainda era pequeno, mas já era suficiente para que não faltasse comida dentro de casa.

Pela primeira vez na vida comecei a entender uma coisa importante:

o dinheiro podia trabalhar por mim.

Durante muitos anos eu só conheci uma forma de ganhar dinheiro: trocando meu tempo e minha força por salário.

Agora eu estava descobrindo outro caminho.

Os imóveis.

Aquilo virou uma paixão.

Passei a enxergar oportunidades onde antes via apenas terrenos, casas velhas e construções simples.

Logo coloquei minha casa à venda novamente.

Muita gente achava que eu era maluco.

Mas eu já tinha percebido que cada troca me aproximava dos meus sonhos.

Consegui negociar a casa por outra menor, construída em meio lote, além de um carro e mais trinta mil reais em dinheiro.

Para muita gente aquilo parecia um passo para trás.

Para mim era um investimento.

Com aqueles trinta mil reais construí duas pequenas casas de dois cômodos e banheiro sobre o salão comercial que eu possuía.

Quando ficaram prontas e alugadas, a renda aumentou.

Foi naquele momento que comecei a enxergar algo maior.

Percebi que, se continuasse construindo imóveis, poderia criar uma renda capaz de me dar uma vida que nenhum emprego conseguiria proporcionar.

Era um sonho novo.

Um sonho muito maior do que comprar um carro ou uma casa.

Era a liberdade.

Continuei negociando.

Continuei construindo.

Continuei acreditando.

Algum tempo depois apareceu outra oportunidade.

Troquei aquela casa de meio lote por uma casa em um dos melhores bairros da cidade.

A casa ainda precisava de muito trabalho.

Tinha laje para fazer.

Precisava de acabamento.

Precisava de investimento.

Mas quando vi aquele bairro, soube que era ali que queria estar.

Durante toda a minha infância eu observava pessoas que pareciam viver em outro mundo.

Pessoas que tinham conforto, segurança e oportunidades.

Agora eu estava chegando perto daquele lugar.

Vendi meu carro.

Investi cada centavo na casa.

Concretei a laje.

Fiz reboco.

Coloquei porcelanato.

Instalei portas de madeira.

Levantei muros.

Melhorei cada detalhe.

Pouco a pouco aquela casa foi se transformando.

Até que um dia parei na esquina e olhei para ela.

Não consegui acreditar.

Aquele menino que morou em barraco de lona, sem água, sem luz e sem comida, agora tinha uma casa de esquina em um dos melhores bairros da cidade.

Parecia impossível.

Mas era real.

A família inteira acompanhou aquela transformação.

Muitos dos que antes diziam que eu estava sonhando alto demais começaram a reconhecer tudo o que havíamos conquistado.

Não porque eu era mais inteligente.

Não porque tive sorte.

Mas porque nunca parei.

Cada casa vendida.

Cada terreno comprado.

Cada parede levantada.

Cada noite sem dormir planejando o próximo passo.

Tudo aquilo foi construindo uma vida que um dia pareceu inalcançável.

Eu finalmente estava morando onde os ricos moravam.

Mas o que mais me orgulhava não era a casa.

Era lembrar de onde eu tinha saído.

Porque nenhuma conquista teria valor se eu esquecesse o menino que um dia procurava frutas estragadas na feira para matar a fome.

Aquele menino ainda vivia dentro de mim.

E era ele que me lembrava todos os dias que o impossível só existe até alguém ter coragem de enfrentá-lo.

CAPÍTULO 11 – A CASA QUE PARECIA IMPOSSÍVEL

Eu estava feliz.

Em todas as minhas conquistas, sempre fiz questão de dividir com a família.

Tanto a minha quanto a da minha esposa.

Sempre gostei de fazer festas, reunir as pessoas e celebrar cada vitória.

Talvez porque eu soubesse exatamente o valor de uma mesa cheia de comida e de uma casa cheia de gente sorrindo.

Também tive muitos amigos que fizeram parte dessa caminhada.

Pessoas que estiveram ao meu lado nos momentos bons e ruins.

Naquele período eu já tinha uma casa excelente em um dos melhores bairros da cidade.

Possuía um imóvel comercial alugado e duas casas construídas sobre ele.

Minha renda vinha crescendo.

Por alguns anos também participei da política.

Trabalhei como assessor da prefeitura.

Foi uma experiência importante.

Conheci pessoas extraordinárias e também pessoas que me ensinaram como o mundo pode ser complicado.

Cheguei até a receber convite para disputar uma eleição como vereador.

Mas percebi que aquele não era o meu caminho.

Meu sonho nunca foi a política.

Meu sonho era construir patrimônio e dar segurança para minha família.

Eu sabia que não tinha faculdade.

Não tinha curso técnico.

Não tinha diploma.

Se um dia precisasse voltar ao mercado de trabalho, provavelmente encontraria salários baixos.

Por isso repetia sempre para minha família:

— Precisamos construir renda.

— Precisamos ter estabilidade.

— Precisamos ter patrimônio.

Mais uma vez decidi vender uma casa.

Muita gente não entendia.

Mas minha família já tinha aprendido a confiar em mim.

Vendemos aquela bela casa e fizemos outro negócio.

Recebi uma casa mais simples, um carro e oitenta mil reais em dinheiro.

Peguei os oitenta mil e comprei outra oportunidade.

Uma casa de meio lote.

Reformei.

Melhorei.

Aluguei.

A renda aumentou novamente.

Foi nessa reforma que aconteceu uma história engraçada.

O pedreiro instalou o portão de cabeça para baixo.

Até hoje damos risada quando lembramos disso.

Mas aquele portão torto acabaria participando de uma das maiores viradas da minha vida.

O carro que recebi também virou negócio.

Troquei por um meio lote com construção na laje.

Assumi parcelas de aproximadamente mil e cem reais por mês.

Mas já tinha feito as contas.

O aluguel ajudaria a pagar a dívida.

Pouco tempo depois apareceu uma compradora.

Vendi o imóvel por oitenta mil reais.

Ela assumiu os pagamentos restantes.

Com o dinheiro consegui comprar outro carro, dessa vez à vista.

As coisas continuavam avançando.

Ao mesmo tempo coloquei minha residência à venda novamente.

Foi então que tomei uma das decisões mais ousadas da minha vida.

Troquei a casa que tinha em São Paulo por uma casa de frente para o mar em Pernambuco.

Muita gente achou loucura.

Talvez fosse mesmo.

Mas eu enxergava oportunidades.

A casa era enorme.

Tinha piscina.

Era perfeita para aluguel de temporada.

O retorno financeiro era excelente.

Contratei um casal para cuidar do imóvel, receber os hóspedes e fazer a manutenção.

O problema era a distância.

Eu não conseguia acompanhar tudo de perto.

Mesmo ganhando dinheiro, sentia falta de ter uma casa própria para minha família.

Enquanto isso, uma nova oportunidade apareceu.

Um amigo possuía um apartamento de alto padrão avaliado em cerca de quatrocentos e cinquenta mil reais.

Mas ainda faltava quitar aproximadamente cento e cinquenta mil.

Ele estava preocupado porque teria mais um filho e não conseguiria continuar pagando.

Então fez uma proposta.

Se eu quitasse o apartamento, ele transferiria tudo para mim.

Era uma oportunidade rara.

Mas eu precisava conseguir o dinheiro.

Coloquei uma das minhas casas à venda por cento e cinquenta mil reais.

E algo impressionante aconteceu.

Em menos de um mês apareceu um comprador.

Exatamente pelo valor que eu precisava.

Quando recebi aquele dinheiro, quitei o apartamento.

Não conseguia acreditar.

Era mais um daqueles momentos em que parecia que Deus estava guiando meus passos.

Mas a história não terminava ali.

O apartamento era maravilhoso.

Porém tinha uma taxa de condomínio alta.

E eu sempre preferi casas.

Então comecei a procurar uma troca.

Passei dias e dias visitando imóveis.

Eu e minha esposa rodávamos a cidade inteira.

Até que um dia vimos o anúncio.

Era uma casa espetacular.

Uma verdadeira mansão.

Localizada em um dos bairros mais valorizados da região.

Quando entramos, ficamos encantados.

Era diferente de tudo o que já tínhamos conquistado.

Parecia impossível imaginar que um dia moraríamos em um lugar daqueles.

Mesmo assim resolvi fazer uma proposta.

O proprietário gostou da ideia.

Mas quando viu meu carro percebeu que ele também fazia parte do negócio.

Minha esposa não queria vender aquele carro.

Gostava muito dele.

Mas quando ela viu a casa, entendeu que aquela oportunidade era única.

Então incluímos o carro na negociação.

O proprietário aceitou imediatamente.

E foi assim que aconteceu algo que até hoje parece inacreditável.

Aquela casa magnífica, avaliada em centenas de milhares de reais, foi conquistada através de uma sequência de negócios que começou com um imóvel simples, uma reforma e até um portão instalado de cabeça para baixo.

Quando olho para trás, percebo que não foi apenas dinheiro.

Foi coragem.

Foi trabalho.

Foi persistência.

Foi acreditar quando ninguém acreditava.

Muitas pessoas enxergam apenas o resultado final.

Veem a casa bonita.

Veem o patrimônio.

Veem as conquistas.

Mas não enxergam o menino que caçava para não morrer de fome.

Não enxergam as noites sem jantar.

Não enxergam o barraco de lona.

Não enxergam as lágrimas escondidas.

Por isso gosto de repetir uma coisa:

não foi o dinheiro que comprou aquela casa.

Foi uma vida inteira de luta.

Foi a soma de cada dificuldade vencida.

Foi a prova de que quem persiste por tempo suficiente pode chegar a lugares que um dia pareciam impossíveis.

CAPÍTULO 12 – A CORAGEM DE RECOMEÇAR

Nós nunca paramos.

Desde o primeiro dia em que decidimos mudar nossa história, continuamos caminhando.

Sempre buscando melhorar de vida.

Sempre acreditando que existia um próximo passo.

Muitas pessoas não entendiam.

Diziam que éramos inquietos demais.

Que nunca estávamos satisfeitos.

Que uma hora perderíamos tudo.

Escutei muitas frases ao longo dos anos.

— Vocês vão acabar sem nada.

— Vocês não sabem o que querem.

— Estão se achando demais.

— Quem vocês pensam que são?

Mas a verdade era outra.

Nós nunca quisemos ser melhores do que ninguém.

Nunca quisemos mostrar nada para ninguém.

Tudo o que eu queria era garantir que minha família nunca mais passasse fome.

Queria construir uma vida segura.

Queria ter condições de ajudar quem eu amava.

Queria dividir nossas conquistas com as pessoas que fizeram parte da nossa caminhada.

Foi exatamente isso que tentamos fazer.

Sempre que conquistávamos alguma coisa, chamávamos a família.

Fazíamos festas.

Reuníamos os amigos.

Compartilhávamos alegrias.

Porque eu sabia o valor de cada vitória.

Mas com o passar dos anos percebi algo triste.

Aquilo que antes era admiração começou a se transformar.

Algumas pessoas passaram a olhar para nós de maneira diferente.

Surgiram comentários.

Críticas.

Desconfianças.

Em alguns momentos até conflitos familiares.

Era doloroso.

Porque continuávamos sendo as mesmas pessoas.

Eu nunca esqueci de onde saí.

Nunca esqueci os dias em que procurava comida na feira.

Nunca esqueci o barraco de lona.

Nunca esqueci quem me ajudou.

Mas nem todos conseguiam enxergar isso.

Felizmente também existiam pessoas verdadeiras.

Pessoas que continuam até hoje ao nosso lado.

Pessoas que veem nossa história como um exemplo de perseverança.

Essas eu guardo no coração.

Foi nessa época que comecei a sentir que estava na hora de buscar novos horizontes.

Ainda possuía a casa de praia.

Ela rendia dinheiro.

Mas durante uma viagem de férias percebi algo que me deixou decepcionado.

A casa estava mal cuidada.

Eu pagava para um casal administrar o imóvel.

Mas a atenção que eu esperava não existia.

Coisas simples não eram feitas.

Pequenos problemas viravam grandes problemas.

Aquilo me incomodou.

Eu sempre cuidei de tudo com muito esforço.

Ver aquele patrimônio se deteriorando me entristecia.

Então tomei outra decisão.

Troquei a casa de praia por um triplex em Caruaru.

Uma cidade que eu praticamente não conhecia.

Muitos teriam medo.

Eu não.

Ao longo da vida aprendi uma lição importante:

as oportunidades não pertencem a um lugar específico.

Elas aparecem para quem está disposto a procurá-las.

O triplex foi alugado por um bom valor.

Mais uma fonte de renda entrou para nossa história.

Voltei das férias cheio de ideias.

Cheio de planos.

Cheio de vontade de continuar crescendo.

Minha esposa sempre dizia que jamais sairia de São Paulo.

Ali estavam suas raízes.

Sua família.

Sua história.

Mas com o tempo ela também começou a perceber que precisávamos de novos caminhos.

Algumas situações familiares estavam desgastando nosso coração.

E, aos poucos, ela passou a enxergar aquilo que eu já enxergava.

A possibilidade de recomeçar.

Conversamos muito.

Fiz planos.

Mostrei números.

Mostrei oportunidades.

Disse a ela que poderíamos multiplicar nosso patrimônio em outro lugar.

Que poderíamos construir uma vida ainda melhor.

E, mais uma vez, ela acreditou em mim.

Foi uma das maiores demonstrações de confiança que já recebi.

Então vendemos nossa grande casa.

Organizamos tudo.

Mantivemos os imóveis alugados.

Deixamos as fontes de renda funcionando.

Compramos um carro.

E partimos.

Praticamente apenas com nossas roupas, nossos sonhos e nossa fé.

O destino era Maceió.

Enquanto muita gente via uma mudança arriscada, eu via uma nova oportunidade.

Mais uma página em branco.

Mais um recomeço.

Porque a vida tinha me ensinado que não importa quantas vezes você precise começar de novo.

O importante é nunca parar de caminhar.

E foi assim que deixamos para trás uma história construída ao longo de décadas para iniciar um novo capítulo no Nordeste.

Sem saber que os maiores desafios — e talvez as maiores conquistas — ainda estavam por vir.

CAPÍTULO 13 – NUNCA FOI PELO DINHEIRO

Quando decidimos vender nossa casa e mudar de estado, aquilo não foi um impulso.

Eu já sabia exatamente o que queria fazer.

Tudo começou quando estive em Pernambuco administrando a casa de praia.

Naquele período conheci uma cidade que mudaria minha vida.

Maceió.

Uma capital linda, cheia de praias, oportunidades e qualidade de vida.

Enquanto muitas pessoas viajavam apenas para passear, eu observava os imóveis, os bairros, os preços e os negócios.

Sempre tive esse hábito.

Onde os outros viam paisagens, eu via oportunidades.

Voltei para São Paulo com uma ideia na cabeça.

Eu já sabia qual seria meu próximo passo.

Antes mesmo de vender minha casa encontrei um apartamento de frente para o mar que me chamou a atenção.

Era exatamente o tipo de investimento que eu procurava.

Liguei para o proprietário.

Expliquei que tinha interesse em comprar o imóvel, mas que precisava de alguns dias para receber o dinheiro da venda da minha casa.

Pedi que ele segurasse o apartamento para mim.

Ele respondeu que em breve viajaria para São Paulo.

Então combinamos de nos encontrar pessoalmente.

Quando ele chegou, marcamos uma reunião em um hotel.

Ali aconteceu algo que até hoje muitas pessoas consideram loucura.

Entreguei oitenta mil reais como sinal do negócio.

Sem contrato elaborado.

Sem advogado.

Sem garantias.

Apenas com a palavra dele e um papel simples assinado.

Nem ele acreditava que alguém teria coragem de fazer aquilo.

Mas durante toda a minha vida aprendi a confiar em Deus e também no meu instinto.

Os dias passaram.

O dinheiro da venda demorava a ser liberado.

O proprietário começou a ficar preocupado.

Recebeu propostas à vista.

Ligou pressionando por uma definição.

Eu dizia para ele confiar.

Que eu cumpriria minha palavra.

Por alguns momentos achei que perderia aquele imóvel.

Mas tudo aconteceu no tempo certo.

Quando finalmente recebemos o dinheiro, partimos para Maceió.

Viemos praticamente apenas com nossas roupas.

Eu, minha esposa e meu filho.

Chegamos ao apartamento sem móveis.

Sem estrutura.

Sem luxo.

Dormimos sobre um tapete que minha esposa havia trazido.

Parecia até que estávamos começando novamente.

Mas recomeçar nunca me assustou.

Eu já tinha feito isso muitas vezes.

Pouco a pouco organizamos tudo.

Reformei o apartamento.

Aluguei por temporada.

O retorno foi excelente.

Depois vendi o imóvel de Caruaru.

Comprei outro em Maceió.

Também alugado por temporada.

Mais uma vez os negócios começaram a crescer.

Mas eu continuava observando.

Sempre procurando a próxima oportunidade.

Foi então que surgiu uma ideia ainda maior.

Vender tudo.

Transformar vários imóveis em um único empreendimento.

Algo que pudesse gerar renda constante e valorização ao mesmo tempo.

Muita gente achou arriscado.

Mas eu já estava acostumado a ouvir isso.

Foi assim que nasceu o projeto da galeria comercial.

Investi tudo.

Tempo.

Dinheiro.

Experiência.

Coragem.

Hoje, quando olho para trás, vejo uma caminhada difícil de acreditar.

O menino que caçava passarinhos para não morrer de fome.

O adolescente que pedia esmolas pelas ruas.

O jovem que dormia em barraco de lona.

O homem que lavava chão de fábrica durante o horário de almoço para aprender uma profissão.

Todos eles continuam vivendo dentro de mim.

A diferença é que agora posso olhar para minha trajetória e enxergar o resultado de décadas de luta.

Hoje possuo patrimônio que um dia jamais imaginei alcançar.

Estou próximo de construir algo que ultrapassa dez milhões de reais em patrimônio.

Mas existe uma coisa importante que quero deixar registrada.

Nunca foi pelo dinheiro.

O dinheiro foi apenas uma consequência.

O que eu sempre procurei foi segurança.

Foi liberdade.

Foi a certeza de que meus filhos não passariam pelo que eu passei.

Foi a possibilidade de ajudar minha família.

Foi a oportunidade de estender a mão para quem precisava.

Foi poder dormir sem medo de faltar comida no dia seguinte.

Se existe uma mensagem que gostaria de deixar para quem ler esta história, é simples:

não importa onde você nasceu.

Não importa quantas vezes a vida o derrubou.

Não importa quantas pessoas disseram que você não conseguiria.

Enquanto existir fé, trabalho e perseverança, existe esperança.

Eu sou prova disso.

Minha história começou em um barraco de taipa.

Passou por barracos de lona, fome, violência, humilhação e sofrimento.

Mas Deus transformou cada cicatriz em aprendizado.

E cada aprendizado em uma oportunidade.

Por isso, quando me perguntam qual foi meu maior patrimônio, minha resposta nunca é uma casa, um carro ou uma galeria.

Meu maior patrimônio sempre foi a capacidade de nunca desistir.

FIM